



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MARCELO VALCÁCIO DOS SANTOS**

**“AQUELES DOIS”: O OLHAR ACUSADOR DA SOCIEDADE SOBRE OS  
CORPOS E AS DIFERENÇAS, NO CONTO DE CAIO FERNANDO ABREU**

**GUARABIRA, PB**

**2021**

MARCELO VALCÁCIO DOS SANTOS

**“AQUELES DOIS”: O OLHAR ACUSADOR DA SOCIEDADE SOBRE OS  
CORPOS E AS DIFERENÇAS, NO CONTO DE CAIO FERNANDO ABREU**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
monografia apresentada ao Departamento  
de Letras - Português da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
obrigatório para a obtenção do título de  
licenciado em Letras – Português.

**Orientador:** Prof. Dr. José Vilian Manguera

GUARABIRA

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Marcelo Valcacio dos.

Aqueles dois [manuscrito] : o olhar acusador da sociedade sobre os corpos e as diferenças, no conto de Caio Fernando Abreu / Marcelo Valcacio dos Santos. - 2021.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguieira , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Caio Fernando Abreu. 2. Sociedade. 3. Repressão. 4. Identidade. 5. "Aqueles dois". I. Título

21. ed. CDD 869.3

MARCELO VALCÁCIO DOS SANTOS

“AQUELES DOIS”: O OLHAR ACUSADOR DA SOCIEDADE SOBRE OS  
CORPOS E AS DIFERENÇAS, NO CONTO DE CAIO FERNANDO ABREU

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Letras -  
Português da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito obrigatório para  
obtenção do título de licenciado em  
Letras – Português.

**BANCA EXAMINADORA**

*José Vilian Manguieira*

---

Dr. José Vilian Manguieira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*João Paulo da Silva Fernandes*

---

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes  
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

*Paulo Aldemir Delfino Lopes*

---

Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes

SEECT-PB

A todas as pessoas que tiveram suas identidades negligenciadas, por uma sociedade medíocre e repressora, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, acreditando que em todos meus momentos ele esteve comigo, sendo minha força e determinação.

À minha família, que sempre me viu com orgulho, contribuindo para minha vontade de crescimento tanto por mim, quanto por eles.

À minha avó, Alzira (*in memoriam*), que esteve comigo nos primeiros dois anos de minha graduação e, embora hoje esteja fisicamente ausente, tenho certeza que estaria muito orgulhosa desse momento.

Aos meus colegas de Classe, e amigos, em especial à Thamires, Joelma e Junior, que estiveram comigo em todos os momentos, tornando os dias na universidade leves e memoráveis, compartilhando risos e lágrimas do cotidiano.

Às amigadas que construí durante o período da graduação e que se tornaram importantes para mim, minhas amigas Juliana Moreira e Clarice Dantas, companheiras que à janela de um ônibus compartilharam comigo parte dessa jornada.

Às amigas que fiz ao participar do PIBID, Analine Juvino, Analice Juvino e Janine Ellen, pessoas com quem compartilhei, com muita alegria, a experiência da iniciação à docência.

Aos amigos que acompanharam todo meu processo de crescimento, desde a minha escolha de curso a esse momento de conclusão: Larissa, Manuela e Wenderson, pessoas que sempre estiveram comigo nos meus melhores e piores dias, ressaltando o quanto sou forte e determinado e dividindo comigo as conquistas, as perdas e as mudanças pelas quais passei nesses 4 anos e meio de curso.

Ao professor Vilian Manguiera, pelas conversas, cafés e momentos que o fizeram, antes de orientador, um amigo, por quem guardo enorme carinho e admiração.

À banca examinadora, composta por pessoas que tanto admiro, Professor João Paulo e Professor Paulo Aldemir.

A todos os professores que contribuíram para minha formação e aprendizado, em especial aqueles que se tornaram amigos, pelos quais tenho profundo respeito e admiração.

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra – talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum deles se perguntou. (ABREU, 2009)

## RESUMO

A sociedade é um lugar de pluralidades, formada por indivíduos que a todo momento emanam suas ideologias, através de discursos criados na relação de convivência e interação. Dessa forma, entende-se que as identidades dos sujeitos são construídas e se modificam de acordo com o ambiente no qual estão inseridos. Paralelo a essa sociedade plural, que organiza suas identidades através das interações possíveis, tem-se um ambiente de exclusão, repressão e que usa dos comportamentos e dos detalhes para apontar e acusar os sujeitos e sua existência. Este trabalho propôs identificar essas formas de repressão presentes na sociedade, através de uma análise do conto “Aqueles dois”, pertencente à obra *Morangos mofados*, escrita por Caio Fernando Abreu. A fim de atingir os objetivos pré-estabelecidos, esta pesquisa foi realizada sob metodologia de cunho qualitativo, considerando a realidade social das relações humanas e dos determinados grupos representados no conto. Para tanto foram considerados os pressupostos teóricos e ideias postuladas por Michel Foucault, Stuart Hall e estudiosos cujas reflexões orientaram para a construção desta análise. Observou-se, através da narrativa analisada, a maneira acusadora e repressora com que a sociedade enxerga a relação dos personagens Raul e Saul, que, por sua vez, representa todas as relações que não condizem com os padrões socialmente estabelecidos. É considerado, ainda, através das constatações, a necessidade dos estudos que buscam investigar e mostrar a violência da sociedade, como reação às diferenças apresentadas por meio dos corpos e dos comportamentos, excluindo e marginalizando de forma repressora os indivíduos e suas diferenças.

**Palavras-Chave:** Caio Fernando Abreu. Sociedade. Repressão. Identidade. “Aqueles dois”.

## **ABSTRACT**

The society is a place of plurality formed by individuals who constantly emanate their ideologies through speeches made in the coexistence and interaction relation. So it means that the identities of subjects are constructed and modified according to the environment in which they are inserted. In parallel to this plural society, which organizes their identities through possible interactions, there is a place of exclusion and repression that uses behaviors and details as reasons to point out and accuse the subjects and their existence. This paper proposed to identify these forms of repression presented in the society through an analysis of the short-story “Aqueles dois” from *Morangos Mofados* written by Caio Fernando Abreu. In order to achieve the pre-established objectives, this research was carried out under a qualitative methodology, considering the social reality of human relations and of certain groups represented in the short story. For this purpose, the theoretical assumptions and ideas postulated by Michel Foucault, Stuart Hall and scholars whose reflections guided the construction of this analysis. Through the analyzed narrative, it was observed the accusatory and repressive way in which the society sees the relationship of the characters Raul and Saul who in turn represent all relationships that do not comply with socially established standards. The findings made it possible to consider the need for studies that seek to investigate and show the violence of society as a reaction to the differences presented through bodies and behaviors where it also repressively excludes and marginalizes individuals and their differences.

**Keywords:** Caio Fernando Abreu. Society. Repression. Identity. “Aqueles Dois”

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. A colheita dos morangos: recepção crítica da obra de Caio Fernando Abreu.....	10
3. Sobre uma história de aparente violência e repressão.....	18
4. Considerações finais.....	32
Referências.....	34

## 1 Introdução

Vivemos em uma sociedade culturalmente diversificada, formada por indivíduos que a todo momento emanam suas ideologias através de discursos formados na relação de convivência e interação, ou seja, da coletividade. O indivíduo inserido na sociedade multicultural busca a todo momento encaixar-se na cultura vigente de determinados grupos ou subgrupos sociais a fim de ser aceito e tornar-se membro ativo daquela comunidade.

Dessa forma, tem-se a ideia de que a identidade do sujeito é construída pela cultura vigente na qual o mesmo está inserido, mas podendo sobrepor-se, demonstrando diferentes ângulos, já que, perpassando por vários significados, podemos confrontar e transformar os preceitos atuais, caso seja necessário. Por essa razão, há uma ideia de identidade como um constante processo de construção e, na sociedade pós-moderna, desconstrução do ser.

Consequente a uma sociedade plural e heterogênea, constituída por indivíduos que organizam suas identidades através da interação humana, há também uma sociedade que acusa, aponta e rejeita as diferenças de algumas minorias, agindo de forma intolerante e preconceituosa. Ao usar a defesa dos bons costumes como agente de intolerância, a sociedade lança sobre determinados indivíduos seu olhar acusador e repressivo, exercendo, de certa forma, influência sobre os corpos e os comportamentos.

Portanto, neste trabalho, propomos identificar as formas de repressão da sociedade sobre os corpos e os comportamentos dos indivíduos, através de uma análise do conto “Aqueles dois”, presente na obra *morangos mofados*, escrita por Caio Fernando Abreu, em meados do século XX, cujas narrativas se caracterizam pela estreita relação existente entre as produções e o contexto histórico de repressão vivido no período de implantação da ditadura militar no Brasil.

O nosso objeto de análise tem como trama narrativa a história de dois homens que passaram no mesmo concurso para trabalharem na mesma firma e se aproximam lentamente, descobrindo inúmeras semelhanças entre si. Dentre as tantas semelhanças, a primeira apresentada está nos nomes dos protagonistas, que se chamavam Raul e Saul. No conto, o autor deixa implícito o desejo homoerótico dos personagens que, depois de tantos segredos e momentos compartilhados, desenvolvem entre si uma amizade caracterizada pelo sentimento de dependência e necessidade entre eles.

Dando a entender que havia entre Raul e Saul uma forte atração de muitos afetos, o autor faz uma espécie de jogo com as expectativas do leitor, que, por sua vez, passa a se sentir parte da história, marcada dentre outras coisas, pela forma agressiva e acusadora com que a sociedade

enxerga essa relação, que, de forma anônima e medíocre, é denunciada e descrita como “relação anormal e ostensiva” (ABREU, 2009, p. 154), e “desavergonhada aberração” (ABREU, 2009, p. 154). Denúncia esta que acarretou na demissão dos dois, vítimas da intolerância de uma sociedade repressora e estruturalmente preconceituosa.

Caio Fernando Abreu, em suas obras, consegue manifestar de forma literária os acontecidos da época em que viveu, na medida que transpassa, ainda que de forma indireta, por narrativas que espelham a repressão causada pela ditadura militar no Brasil e as tentativas dos indivíduos de sobreviverem e resistirem às consequências deste período. Em seus escritos, percebemos a forte crítica às formas estruturais com que a sociedade trata as questões sexuais e afetivas dos indivíduos, não levando em consideração a pluralidade identitária já mencionada, deixando à margem da sociedade aqueles que não se enquadram nos padrões por ela impostos.

Sendo assim, justificamos a pesquisa sobre a compreensão de que é preciso reconhecer as formas de repressão da sociedade e sua influência sobre os comportamentos dos indivíduos, a fim de romper com discursos neutros e preconceituosos acerca da identidade pessoal de cada ser. Desse modo, este estudo contribui para isso, ampliando ainda mais o entendimento de que a sociedade é plural, heterogênea e formada por sujeitos multiculturais que são constantemente subjugados por suas diferenças e pela forma como se comportam em suas relações.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, realizamos esta pesquisa sob metodologia de cunho analítico-interpretativo, já que, para a construção deste trabalho, consideramos a realidade social das relações humanas e dos determinados grupos representados no conto, como também a realidade sócio-histórica da época em que o texto foi escrito, buscando compreender, através da análise, o comportamento dos indivíduos e suas particularidades em suas relações sociais.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos e de ideias postuladas por Michel Foucault (2004), Stuart Hall (2005), Luana Teixeira Porto (2005) e estudiosos cujas reflexões acerca do indivíduo e da construção de sua identidade em meio a uma sociedade intolerante e preconceituosa orientaram para análise da repressão social e sua influência sobre os corpos e comportamentos, na obra “Aqueles dois”.

Além dessa seção introdutória, este trabalho está dividido em duas unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre o mundo de Caio Fernando Abreu, sua importância ao representar os conflitos dos anos 80 através de sua literatura, a formação identitária dos indivíduos e os apontamentos da crítica sobre sua obra. Logo após, expomos as reflexões advindas dos aportes teóricos em relação às consequências do olhar

acusador da sociedade sobre os indivíduos, tomando como base para as discussões a análise do conto “Aqueles dois”.

O presente trabalho se insere em um cenário de relevância dos debates atuais que problematizam a forma repressora com que a sociedade lida com as diferenças dos indivíduos. Vivemos em um mundo multicultural, com sujeitos que estão a todo momento expostos a mudanças. É preciso destacar que esses sujeitos vivem em uma sociedade rotuladora, criando estereótipos e julgando o ser através de seus comportamentos e identidades que divergem dos conceitos “aceitáveis”, ademais, não lhes dando, muitas vezes, nem mesmo o direito de explicação ou retratação.

## 2 A colheita dos morangos: recepção crítica da obra de Caio Fernando Abreu

Caio Fernando Abreu, escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro, considerado um dos maiores nomes do cenário cultural dos anos 80 no país, nasceu no interior do Rio Grande do Sul, onde escreveu seu primeiro texto, aos seis anos. Aos 15 anos, mudou-se para Porto Alegre, lugar onde cursou o colegial e, anos depois, publicou seu primeiro conto “O príncipe e o sapo” e, no mesmo ano, 1966, deu início ao seu primeiro romance *Limite branco*. Em 1967, ingressou nos cursos de Letras e de Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um ano depois, sem se formar, mudou-se para São Paulo para ingressar na primeira redação da revista *Veja*.

Perseguido pela Ditadura Militar no início dos anos 70, Caio Fernando Abreu se muda para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar como pesquisador e redator de uma revista. Conhecido por levar uma vida errante, em 1971, o escritor retorna para Porto Alegre e é preso por porte de drogas. Anos depois, fugindo do forte regime militar instalado no Brasil, ele se exila na Europa, morando em Londres e em Estocolmo. Nessa época, ele tinha que lavar pratos para conseguir seu próprio sustento. Só retorna ao Brasil em 1974, época em que recomeça seus escritos literários, escrevendo e colaborando com o teatro e com diversos veículos de imprensa.

Em 1982, Caio Fernando Abreu se torna conhecido ao lançar sua obra mais famosa: *morangos mofados*, livro de contos de onde extraímos a narrativa “Aqueles dois”, posteriormente analisada neste trabalho, e que reúne diversas outras narrativas, revelando o mundo e a condição humana daquela época, além de abordar temas emblemáticos como: solidão, depressão, drogas, homossexualidade e outros considerados tabus até hoje, como: Aids, esquizofrenia e personagens totalmente degradados e desamparados, característicos de sua escrita.

A crítica destaca a notável e estreita relação entre as produções de Caio Fernando Abreu e o contexto histórico de repressão, principalmente no período de implantação da ditadura militar. Problematizando a realidade histórica repressora e as traumáticas experiências de violência através da comunicação do narrador com o espaço, Abreu singulariza sua contística, tornando-a um pilar para a literatura dos anos 70 e 80, período marcado pela crescente condição da repressão artística literária, quando a liberdade de expressão era controlada e esmagada constantemente pelo militarismo.

Para Pellegrini (2009), as obras de Caio Fernando Abreu possuem forte traço da vida cultural brasileira que marcam a ficção dos anos 1970 e 1980, analisando suas narrativas como

uma construção de histórias, cujo narrador olha o mundo de longe, “através das inúmeras janelas que povoam seus textos” (2009, p. 77). A autora ainda acentua que a escrita fragmentada e esquizofrênica do autor se apresenta sob uma perspectiva que “poetiza a crueza do presente” (2009, p. 77).

Segundo Nogueira (2010), Caio Fernando Abreu foi um escritor que se interessou em documentar e registrar de forma literária a época em que viveu, na medida em que perpassa, ainda que de forma indireta, a repressão causada pela ditadura militar e as formas de resistência que marcaram essa época e os anos posteriores, sem deixar de lado os elementos narrativos. Em seus textos percebemos a forte crítica às formas estruturais com que a sociedade trata as questões sexuais e afetivas dos indivíduos, e a imposição de valores sociais e culturais considerados imperativos e hegemônicos, que marginalizam aqueles que não se encaixam nos padrões impostos pela própria sociedade.

A obra *morangos mofados* está estruturada em três partes, e se divide em: “O Mofo”; “Os Morangos” e “Morangos Mofados”, somando 18 contos. As narrativas presentes na obra representam desde o sentimento das pessoas durante o período da Ditadura Militar, ao desespero e anseio pela liberdade. No decorrer das narrativas, é notável o suspiro de esperança, de que mudanças seriam possíveis através da resistência, representado através do contexto e das situações nas quais os personagens estavam inseridos. Através das narrativas, os contos conseguem descrever a atmosfera tensa, de medos, incertezas e desespero vivida na época ditatorial.

Nessa obra, o tema da homossexualidade e da repressão social sofrida pelos indivíduos perpassa a maioria dos contos, por vezes, de forma discreta e deixando margem para que o leitor tire suas próprias conclusões acerca do que é apresentado; e, em outros momentos, apresentando-se de forma clara e aberta, trazendo narrativas emblemáticas que exploram desde a iniciação sexual à desilusão sentida por quem é jovem e não se sente pertencente a nenhum grupo social, como consequência de viver em uma sociedade rotuladora e acusadora.

Tomemos como exemplo o conto “Sargento Garcia”, parte dos contos que compõe essa obra e que, ao problematizar o relacionamento sexual entre dois homens que dividem o mesmo espaço de convivência – um quartel, narra a sedução de Hermes por Garcia. Hermes é um jovem que, aos 17 anos, precisa receber dispensa do serviço militar, pois pretende prestar vestibular para filosofia, e apresenta diferença entre os demais por seu jeito delicado e educado. Garcia, por sua vez, é um homem que busca assegurar seu poder e autoridade, mas, sentindo-se atraído

pelo jeito delicado do jovem, reage escondendo sua permissividade, vestindo uma falsa moral e valorizando a aparência e o poder.

A crítica aponta que, através de narrativas como essa, a obra *morangos mofados* elucida a relação entre a repressão, a censura e o autoritarismo. Por meio de metáforas e usando os estados psicológicos dos personagens, o autor consegue vincular o movimento da ditadura militar vivido no Brasil às produções literárias dos anos 70 e 80, revelando a interioridade das figuras humanas que, reagindo a conflitos, constroem suas identidades e personalidades.

Calegari (2007) afirma ser nessa época que “aquela geração iniciada nos anos 1960 encontra seu clímax e coloca no papel as suas histórias de conquistas” (p. 119), fornecendo cenários para esse tipo de narrativa, que faz emergir problemáticas como a homossexualidade e outras representações da realidade humana, particularidade encontrada na antologia de contos de Caio Fernando Abreu.

No conto que intitula o livro, “Morangos mofados”, o escritor demonstra sinais de esperança e de mudança. Afirma que, apesar de mofados, os morangos ainda conseguem guardar o frescor de sua essência. De forma sugestiva e muito realista, a obra retrata a dor humana. A limitação de quem já sofreu tanto que agora não consegue nem chorar, apenas sentir. Sentir-se seco, acabado, como consequência dos traumas vividos. Os morangos mofados ainda guardam dentro de si o frescor da vida, contudo não deixam de estarem mofados, ou seja, eles não perdem as marcas deixadas pelo tempo.

Em “Aqueles dois”, conto que analisaremos, os protagonistas, assim como em diversos outros contos do autor, são figuras sociais, que trazem consigo discursos estruturados na sociedade e na linguagem social, mesmo que sendo estes expostos a novas experiências, capazes de favorecer e despertar nos personagens a necessidade de novas formações identitárias, já que o indivíduo, de acordo com Hall (2005), constrói sua identidade ao longo de sua vida.

Baseando-se nessa ideia de sujeito possuidor de uma identidade fragmentada, não sendo esta fixa ou acabada, surge o conceito de sujeito pós-moderno, ao qual correspondem as características que possuíam Raul e Saul, protagonistas do conto “Aqueles dois”, ao entrarem em colapso quando confrontam seu eu com as mudanças que sofrem diariamente, fazendo da identidade, segundo Hall, “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13).

É nessa direção que acreditamos que toda identidade é única, mesmo que formada e construída no imaginário coletivo, através das vivências e do agir dos sujeitos, dependendo, sobretudo, do tempo e do espaço. Assim, ocasionando o que Hall conceitua como “jogo das identidades”, ou seja, a pluralização de identidades, e o discurso de que o sujeito pode ocupar os diferentes espaços identitários perpassando, inclusive, por espaços que não lhe pertencem, segundo os estigmas sociais.

No conto “Aqueles dois”, é reivindicado um olhar especial da sociedade para as pessoas que se reconhecem como seres em construção, e, principalmente, para aquelas que estão condicionadas a viver afetivamente com indivíduos de mesmo sexo. Vejamos que os personagens entram em conflitos internos e pessoais, principalmente movidos pelo medo da reprovação da sociedade diante das mudanças identitárias que sofrem. O sentimento de insegurança e negação de si mesmo dos personagens se apresenta como consequência à noção de sociedade como um lugar de repressão, de intolerância e que acusa e aponta as diferenças daqueles que se distanciam da padronização a que ela mesma submete os indivíduos.

Caio Fernando Abreu, ao construir essa narrativa com personagens em formação identitária e de orientação sexual, expressa a marginalização e perseguição que sofrem os indivíduos que transgridem as regras e normas sociais e morais impostas por uma sociedade medíocre que se intitula conservadora e defensora da moral e dos bons costumes, leva de movimentos moralistas do período repressivo brasileiro. Desse modo, o conto reflete o contexto social e político, em um momento de perseguição, medo e desconfiança entre os indivíduos.

Nessa perspectiva, analisaremos neste trabalho a forma acusadora com que, usando como agente de intolerância e julgamento a defesa dos bons costumes, a sociedade agride e ataca, de forma invasiva e preconceituosa a vida pessoal e particular dos personagens Saul e Raul. Eles, apesar de muitas vezes plantados na dúvida e na solidão, conseguem, através da cumplicidade que sentiam um pelo outro, nos permitir acessar suas identidades. Assim é possível reconhecê-los como seres em construção, que temem se entregar ao que sentem por medo da sociedade.

### 3 Sobre uma história de aparente violência e repressão

O conto “Aqueles dois”, escrito por Caio Fernando Abreu, é narrado em terceira pessoa e apresentado ao leitor em forma de segmentos fragmentados, o que sugere, além de uma quebra na linearidade dos acontecimentos, uma autonomia entre as partes do texto, que, em um jogo com as expectativas do leitor, o evolui, fazendo-o acreditar, em alguns momentos, na existência de uma relação homoafetiva, insinuada pelo próprio narrador, entre Raul e Saul, principais personagens do conto.

Além do título “Aqueles dois”, o autor nos adianta informações acerca da narrativa que se desencadeará, trazendo entre parênteses o subtítulo: “(História de aparente mediocridade e repressão)”, anunciando que a história “daqueles dois” será marcada não só pelo distanciamento e apontamento que nos sugere o pronome “aqueles”, mas também pela perseguição medíocre e repressora de uma sociedade intolerante, acusadora e excludente, e uma epígrafe com o trecho do poema “*So Long!*”<sup>1</sup>, de Walt Whitman, que expressa o anúncio do desejo ainda inalcançado de demonstrar amor em público, abertamente, sem reprovações, ou seja, nos espaços abertos, como no ambiente de trabalho, nos cafés e nos demais espaços onde eles se encontram.

Considerando a sociedade um lugar de incompreensão, incapaz de notar o isolamento e solidão a que são expostos os indivíduos marginalizados por seu olhar acusador, resta a Raul e Saul se perceberem como deslocados e enxergarem um no outro o lugar de acolhimento de que necessitavam, dando início a um processo de simbiose, no qual os indivíduos, ao se reconhecerem um no outro, constroem e organizam suas relações de acordo com as associações recíprocas de comportamento e autoconhecimento.

Na relação simbiótica dos personagens, Raul e Saul, acontece não só um processo de autorreconhecimento através das características externas apresentadas, mas também a imagem de espelhamento da alma, quando um enxergava no outro as próprias necessidades e características mais íntimas, o bonito de dentro de um que estimulava o bonito de fora do outro. Essa relação de simbiose dos personagens também é apresentada ao leitor, já que “desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinais, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois” (ABREU, 2009, p. 146).

Para reforçar essa ideia de simbiose entre os personagens, nós podemos apontar algumas características que, pela semelhança, contribuíram para o processo de reconhecimento entre

---

<sup>1</sup> *I announce adhesiveness, I say it shall be limitless, unloosen'd  
I say you shall yet find the friend you were looking for.*

eles. Vejamos que a exclusão já pré-anunciada, e que posteriormente analisaremos com maior profundidade, não é a única coisa em comum na relação entre Raul e Saul, que se aproximam cada vez mais ao se identificarem como duas almas semelhantes e “especiais”:

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra [...] passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os exames. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando (ABREU, 2019, p. 145-146).

Observamos, a partir deste fragmento, a relação de proximidade existente nos nomes, Raul e Saul, que se diferenciam apenas pela letra inicial “R” e “S”, causando, já no primeiro contato entre eles, espanto e admiração. Além de outros pontos de semelhança que serão posteriormente trazidos e analisados, como: a diferença de idade dos personagens: “Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um a menos” (ABREU, 2009, p. 146), aparentando terem praticamente o mesmo porte físico e a mesma altura, sendo Saul um pouco menor; e, por fim, as frustrações amorosas que ambos acumularam em seus passados, vindos de relacionamentos sem sucessos e fracassados.

É a partir dessas características em comum que se inicia o processo de reconhecimento, a imagem de espelho, pois quanto mais se conheciam, mais se identificavam e se enxergavam um no outro, se distanciando dos demais. Tanto que “meses depois, não no começo, quando não havia ainda intimidade para isso, um deles diria que a repartição era como ‘um deserto de almas’. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído” (ABREU, 2019, p. 145).

A descrição do momento em que Raul e Saul são apresentados um ao outro, e se reconhecem como “almas especiais” diante de um “deserto de almas”, inicia a relação afetiva que, com os detalhes do cotidiano, se torna cada vez mais intensa e estreita e que vai se construindo de acordo com a narrativa. Todavia, é a partir desses detalhes quase que imperceptíveis que se iniciarão os primeiros indícios de julgamentos precipitados sobre a sexualidade e sobre o caráter dos dois personagens, uma vez que, segundo Calegari, essa forma de preconceito atrelado ao gênero da pessoa “trabalha para identificar um detalhe, qualquer que seja, para chegar a uma totalidade inquestionável” (2007, p. 132).

Posterior a esse momento de apresentação e reconhecimento, surgem nos personagens emoções ainda desconhecidas: Raul e Saul não sabem ao certo o que sentem e nem sabem como lidar com esses sentimentos. Assim, ao mesmo tempo que tentam entender as emoções e afetividades que emergem de seus interiores, eles precisam se preocupar com a forma com que são vistos por aqueles que estão à sua volta. Uma vez que se trata de dois homens com passados

que se assemelham pelo fracasso em relações anteriores, Raul, vindo de um casamento de três anos sem sucesso, e Saul de um noivado interminável, que finalmente acabara, tem-se as incertezas de ambos acerca das questões afetivas e amorosas, já que se encontram em um novo espaço de sociabilidade e possibilidades de reconhecimento e aproximações.

Percebemos já nesse primeiro momento que em muitas relações, sejam elas amorosas, ou não, o que une duas pessoas é o que elas têm em comum, possibilitando a criação de vínculos necessários para a subsistência de qualquer sentimento. Observa-se, também, que para se protegerem do olhar acusador e discriminatório da sociedade, os indivíduos são, muitas vezes, obrigados a assumir posturas que diferem daquilo que realmente sentem e desejam fazer.

Dada a apresentação dos personagens, que surge como a primeira quebra na linearidade da narrativa, deixando de lado a aproximação entre Raul e Saul e direcionando a história para a origem de ambos, o texto traz informações que percebemos contribuir para a construção de suas personalidades: “tristes”, “solitários” e distantes de qualquer parente ou amigo. Morando sozinhos, cada um sentia que tinha apenas a si próprio. A respeito dessa descrição de personalidades e sentimentos, Flavio Pereira Camargo, amparado no que afirma Luana Porto, aponta que:

Em relação a esse sentimento de tristeza e solidão dos dois personagens, o qual perpassa o conto, Luana Porto afirma que: ‘A tristeza e a solidão, parece ser um elemento caracterizador dos dois personagens do conto, já que em vários momentos o narrador sugere que Raul e Saul são sujeitos infelizes e isolados’ (2010, p. 135).

Além das descrições psicológicas e sentimentais dos personagens, o narrador nos traz uma descrição física, que proporciona ao leitor enxergar, com base nos estereótipos propostos pela sociedade, que tanto Raul quanto Saul não possuem traço algum que possa colaborar para a ideia de uma orientação homossexual, mas, mesmo assim, são julgados pelo fato de se aproximarem e se reconhecerem um no outro. Vejamos:

Eram dois moços bonitos, todos achavam. (...) Tão altos e altivos, comentou uma secretária [...] Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos belos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor (ABREU, 2019, p. 147).

O fato de chamarem atenção quando estão juntos, por sua beleza e altivez, atrai para Raul e Saul os olhares de todos da repartição onde trabalham. E por questão de detalhes, o que parece ser algo positivo, e apenas uma admiração da beleza dos dois, por parte de suas colegas, passa a ser uma forma de como os outros os percebem e observam seus comportamentos e atitudes durante todo o tempo. O que para Raul e Saul, que tinham entre si uma harmonia

especial, os faz se diferenciar ainda mais dos demais funcionários, fortalecendo entre eles o vínculo em construção, mas proporcionando ainda mais olhares duvidosos e investigativos.

Retomando a narrativa para a aproximação afetiva entre Raul e Saul, percebemos que através de pequenos momentos ocasionais, nos quais eles se encontravam para conversar ou tomar um café, os encontros entre os personagens passam a ser não mais dados pelas circunstâncias da rotina de quem trabalha no mesmo ambiente, quando eles se encontram pelos corredores em silêncio, apenas com trocas de olhares e gestos, mas encontros prazerosos, nos quais os diálogos geram em ambos a necessidade de permanecerem na presença um do outro.

Para estreitar a relação dos personagens, em uma manhã comum, Saul chega atrasado no trabalho e justifica o atraso como consequência de ter ficado acordado até a madrugada assistindo a um filme, que, quando questionado por Raul acerca do nome, responde, baixando seu tom de voz: *Infâmia*. Que, de acordo com Camargo:

Trata -se de um filme produzido em 1961, cujo título em inglês é *The Children's Hour*, uma adaptação da peça de Lillian Helman, dirigido por William Wyler, cuja sinopse diz: 'Duas professoras de uma escola particular têm suas vidas viradas do avesso quando uma das crianças denuncia um sentimento um pouco maior que amizade entre as duas. A avó da garota, poderosa na cidade, trata de espalhar a história e fazer com que se voltem contra as pecadoras' (2010, p. 135).

Essa referência ao filme funciona como prolepse para o final do conto, pois mal sabiam Raul e Saul que eles também seriam, por uma denúncia anônima, acusados e julgados por achismos, que, posteriormente, causariam uma reviravolta em suas vidas, justamente em virtude de uma afetividade estabelecida entre os dois, que ultrapassa os limites do que, para a sociedade, pode ser uma simples amizade. Mas, diferente do final do filme, o conto projeta uma possibilidade de final feliz para os dois protagonistas masculinos.

Mencionado o motivo do atraso de Saul ao trabalho, os dois saem da repartição para um café, onde conversam sobre a história do filme que Saul acreditava que, por ser antigo, ninguém conhecia, mas se surpreende ao descobrir que se tratava de um dos preferidos de seu colega, Raul. Um fato importante no diálogo entre Raul e Saul ao falarem do filme é que os personagens demonstram, ao baixarem a voz e ao saírem da repartição, um possível choque entre o espaço social em que estão inseridos e a temática do filme, que pode comprometer ainda mais a convivência deles naquele espaço, comparado a uma prisão ou manicômio em alguns momentos da narrativa, já que o filme tratava de uma temática homossexual.

Percebemos, diante desse fato, também, que aquele espaço social no qual convivem é um espaço que os priva da liberdade de serem eles mesmos, fazendo com que se sintam julgados e observados a todo instante, obrigando-os a se excluïrem para não dar margem aos comentários

maldosos de seus colegas, que tornam aquele lugar uma repartição fria, necessitada de calor humano.

Outras discussões surgiram nos dias seguintes, sobre filmes, músicas, gostos e afinidades diversas, assim como histórias pessoais e do passado, compartilhadas durante vários momentos de intimidade entre eles. É através dessas conversas que Raul e Saul revelavam um para o outro suas curiosidades, alegrias e tristezas, suprimindo a necessidade de afeto, de ter com quem conversar e dividir os gostos e afinidades. É a partir desses momentos de intimidade que Raul e Saul sentem pela primeira vez que um é o complemento que faltava no outro, mesmo sem saberem ao certo o que isso significava em suas vidas.

Raul e Saul, apesar de saberem o quão importantes um tem se tornado para o outro ao passar dos dias, não conseguem, ainda, explicitar o que sentem de forma clara e direta, como por meio de palavras. Dessa forma, através de músicas, eles expressam a carência afetiva sentida por eles, no intuito de que as letras das canções traduzam o que os dois personagens não conseguem verbalizar um para o outro. O primeiro momento de intimidade entre eles, através da música, acontece durante uma festa na casa de uma das colegas de trabalho, providenciada pelas moças que dividiam com eles o espaço onde trabalhavam, com o objetivo de aproximação, já que os dois se destacavam dentre os demais da repartição, pela beleza que possuíam e isso atraía a atenção das moças.

Esquivando-se e se enfiando pelos cantos e sacadas para conversarem sobre assuntos que só os dois tinham interesse “uma noite, Raul pegou o violão e cantou ‘Tu me acostumbraste’. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro” (ABREU, 2009, p. 149). “Tu me acostumbraste” é uma das músicas preferidas de Raul. Saul, gostando especialmente da parte que diz: “Sutil llegaste a mí como una tentación llenando de inquietude mi corazón” (ABREU, 2009, p. 150), enxerga no trecho da música a perfeita representação de como o seu coração se sentia com a sutil chegada de Raul a sua vida e expressa esse sentimento através da canção.

Em outros momentos da narrativa, quando se encontravam a sós, era de costume Raul cantar para Saul músicas como: “Perfídia”, “La Barca”, “Contigo em la distancia” e, repetidas vezes, sempre a pedido de Saul, “Tu me acostumbraste”. Em seus encontros, quando sentiam que a intimidade e afetividade entre eles cresciam mais do que nunca, aproveitavam e não paravam de falar das coisas que tinham em comum: “bebiam, fumavam, jogavam cartas, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava- vezenquando ‘El día que quieras’, vezenquando ‘Noche de ronda’. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam” (ABREU, 2009, p. 151).

Em paralelo ao fato de que as aproximações e demonstrações de afeto entre Raul e Saul se deram, em um primeiro momento, através de letras de canções, tanto das que ouviam, quanto das que Raul cantava, no primeiro ano novo que passaram juntos, Raul deu a Saul um disco com os grandes sucessos de Dalva de Oliveira: “A faixa que mais ouviram foi ‘Nossas vidas’, prestando atenção naquele trechinho que dizia ‘até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou” (ABREU, 2009, p. 153). E ali, um diante do outro, revelando seus desejos e sentimentos através dos sucessos de Dalva de Oliveira, brindaram à amizade que nunca iria acabar.

Dessa forma, pela primeira vez, Raul e Saul tiveram a certeza de que sentiam necessidade um do outro, uma necessidade que nem eles mesmos, imersos em uma sociedade que rotula tudo e todos, sabiam explicar. Sentiram falta um do outro durante os fins de semana e a ausência de afeto os deixava inquietos acerca da dimensão que a relação de afetividade entre eles tomara. Sobre essa preocupação de dimensão relacional, Foucault afirma que:

Deveríamos tentar imaginar e criar um novo direito relacional que permitisse que todos os tipos possíveis de relações pudessem existir e não fossem impedidas, bloqueadas ou anuladas por instituições empobrecedoras do ponto de vista das relações (2004, p. 120-121).

Foucault defende, dessa forma, a possibilidade e a liberdade criativas de relações sem rótulos ou denominações que as limitem como pertencentes a determinados grupos sociais, fazendo-nos acreditar na capacidade ética das relações e poupando os indivíduos afetivamente envolvidos, como Raul e Saul, que não sabiam claramente o que um significava na vida do outro, diante das pressões sociais, psicológicas que não o deixavam livres para apenas sentirem.

Com o passar dos dias, Raul e Saul sentiam cada vez mais necessidade da presença um do outro, e em um final de semana, logo após Raul ter dado seu número para que Saul o ligasse, caso precisasse de algo, eles se encontraram na casa de Raul. Primeiro encontro dos dois na casa de um deles a fim de suprir a insuportável ausência um do outro: “domingo depois do almoço, Saul ligou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta no sábado. Foi dessa vez que, ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas” (ABREU, 2019, p. 151).

É importante ressaltar que a relação dos personagens Raul e Saul acontece de forma cautelosa e através de encontros cada vez mais íntimos, contribuindo para uma aproximação rápida entre os dois, que passam a sair juntos todos os domingos para jogar, beber ou apenas conversar. Um dos grandes passos na aproximação dos personagens acontece quando “pela primeira vez, almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite” (ABREU, 2019, p. 150).

A entrada clandestina na pensão de Saul denuncia quão íntimos eles estavam, e nos revela, de um modo geral, a quantas situações constrangedoras os dois precisavam passar para evitar rumores que intensificassem a desconfiança das pessoas a sua volta, nos fazendo observar também a relação de liberdade e segurança que o espaço interno, no caso do quarto de Saul, proporcionava a eles, já que entre quatro paredes poderiam ser eles mesmos.

No dia seguinte, no trabalho, os dois não comentaram sobre o que aconteceu na noite anterior. No entanto, “falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café, as moças em volta espiavam, às vezes cochichavam sem que eles percebessem” (ABREU, 2019, p. 150). A estratégia de ir ao café muitas vezes revela a vontade dos personagens de ficarem a sós para conversarem sobre suas cumplicidades. A forma como os indivíduos da repartição observa e se incomoda com a felicidade de Raul e Saul denuncia o olhar da sociedade que não admite a ideia de relação afetiva que fuja dos padrões social e historicamente impostos.

Apesar de não comentarem naquele espaço sobre o encontro que tiveram na noite anterior, os funcionários, que se dizem preocupados com a moral e com os bons costumes, expressam através de seus olhares e comentários a reprovação e desconfiança depositadas naquela relação, que, mesmo estando apenas começando, precisa a todo momento estar atenta à forma incompreensível com que as pessoas julgam os comportamentos e as ligações afetivas.

Para exacerbar ainda mais os comentários e julgamentos dos colegas de trabalho, em uma noite em que o colega foi visitar Raul e, por conta da chuva, Saul dormiu em sua casa, chegaram juntos ao trabalho e com os cabelos molhados do banho. Tal fato gerou constrangimento, uma vez que as mulheres da repartição decidiram não mais falar com os dois, enquanto que os homens se encarregaram dos olhares reprobatórios e comentários soltos e sugestivos, mas ainda incompreensíveis a eles: “os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas” (ABREU, 2019, p. 151).

Esse período de aproximação e estreitamento da relação afetiva dos personagens é interrompido, na narrativa, por uma fatalidade: a notícia do falecimento da mãe de Raul, que em viaja em decorrência do fato. Estando ausente por uma semana, a viagem de Raul provoca em Saul um sentimento de insuficiência e dependência de seu amigo, que: “desorientado, vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema, que não vinha, tentando concentrar-se nos despachos, processos, protocolos” (ABREU, 2019, p. 151).

Como consequência da solidão em que se encontrava, Saul bebeu muito durante toda a semana e em uma das noites vazias e solitárias teve um sonho, que refletiu a repressão que os

dois amigos passavam na repartição onde trabalhavam, assim como o que ainda iriam passar. Esse sonho provoca no subconsciente de Saul a exteriorização dos rumores preconceituosos que surgiam entre seus colegas de trabalho. O sonho torna-se o efeito da influência das imposições da sociedade intolerante, preconceituosa e acusadora sobre os corpos e pensamentos dos indivíduos:

Sonhou que caminhava entre as pessoas da repartição, todos de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando estranho, ele é que devia estar de luto (ABREU, 2019, p. 152).

Este sonho insere também o leitor no que está por vir. Como consequência da aproximação dos personagens, Raul e Saul seriam apontados por seus colegas de trabalho como “anormais” e “pervertidos sexualmente”, e acusados de ameaçarem manchar o zelo da repartição para com a moral e os bons costumes. Tais falas serão usadas como pretexto para apontar e julgar o comportamento dos dois amigos. No sonho, os enlutados são os colegas da repartição, que aparecem de preto, remetendo-nos, essa ausência de cor, à tristeza e falta de luz. Conforme apontam Ferreira, Silva e Mangueira (2011), é como se este escuro, representado pela cor preta, mostrasse o quão submerso Raul e Saul estavam naquele cenário de valores e normas repressoras, características de uma sociedade acusadora que vigia e pune aqueles que manifestam comportamentos que se distanciam de um sistema hegemônico de um binário excludente. Concisamente, temos o preconceito matizado pela cor escura do luto.

Outro ponto importante e que chama atenção no sonho de Saul é que, ao final, eles se abraçam como forma de demonstrar apoio e força, mas também reforçando a ideia de intimidade entre eles. Fato que também adianta a inesperada manifestação de carinho que aconteceria após a volta de Raul, que, ao chegar de viagem, se reencontra com Saul e juntos saem para beber durante a noite, a fim de relembrar e lamentar momentos com sua mãe, a quem ele julgava não ter sido compreensivo como deveria. Ao final da noite, para aproximar e intensificar ainda mais a afetividade entre eles, que após essa fatalidade estreitam as relações de dependência e necessidade um do outro, Raul e Saul demonstram, pela primeira vez, o carinho que sentem através de um abraço, forte e demorado:

Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. (ABREU, 2019, p. 152).

É perceptível a manifestação afetiva de carinho entre Raul e Saul, através do abraço. O fato de essa aproximação ter se dado em um momento delicado da vida de Raul, a morte de sua mãe, espicaça ainda mais a ligação de dependência entre eles. É importante ressaltar que no momento em que se deu a intensificação máxima dessa aproximação, os personagens não disseram um ao outro nenhuma palavra. Os gestos, olhares e atitudes do momento cumpriram com o papel de comunicar um ao outro tudo o que desejam verbalizar. Ao final, tendo consciência do quão importante havia sido aquela demonstração de carinho e afeto, inesperadamente:

Raul disse qualquer palavra como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes – ninguém, mundo, sempre – e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool (ABREU, 2019, p. 152)

Nesse momento, apesar de toda a aproximação entre os personagens, é possível perceber que a solidão e a tristeza deixaram em ambos marcas irreparáveis. Sentem-se sozinhos, mas agora, porém, têm um ao outro, de forma clara e sincera. Para o leitor, a conclusão mais óbvia é que, longe dos olhos julgadores da sociedade e protegidos sob o teto de seus lares, Raul e Saul conseguem discernir o sentimento que possuem. Assim, fica evidente que, além da carência afetiva, eles sentem-se desorientados com a explosão de sentimentos que os invadem naquele momento. A narrativa evidencia a percepção deles de que um sente necessidade física e afetiva do outro.

Por fim, temos o último fragmento do conto, a última quebra, e o momento mais intenso da narrativa, no qual observaremos, de forma ainda mais explícita, o julgamento e a condenação de Raul e Saul por parte dos colegas de repartição, que, de forma acusadora, intolerante e preconceituosa, representam a sociedade que alega defender “valores” e “bons costumes”.

Esse momento da narrativa se dá durante o período do fim de ano. Raul e Saul recusam os convites de seus colegas e preferem, sem dúvidas, passar o fim de ano juntos, e a sós. Na noite de *réveillon*, juntos no quarto de Raul, “Saul ergueu a taça e brindou à nossa amizade que nunca vai terminar. Beberam até cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu” (ABREU, 2019, p. 153). Em seguida, saiu do banheiro com aquele corpo altivo e atraente totalmente despido, denunciando, através da ação de despir-se, a consciência da nudez, da moral acerca de si mesmo. Raul olhou-o com ociosidade a fim de admirar, sem pressa, o corpo à sua frente. Em seguida, trocaram elogios, que denunciam desejos e, também, a admiração física que sentiam um pelo outro, e, por fim, eles baixaram os olhos posteriormente.

O baixar de olhos dos personagens denuncia a tentativa de esconder um do outro os desejos secretos que nutriam em seus interiores. É certo que os dois possuíam corpos bonitos, mencionados anteriormente como “altivos” e atraentes, e que há entre eles uma nítida relação de desejo, mas há também uma recusa, um medo do desconhecido e de ultrapassar os limites da amizade para os do amor, talvez por se tratar de duas pessoas do mesmo sexo, dois homens que nunca se entregaram ou permitiram por completo a concretização do ato sexual em uma relação homoafetiva.

Em paralelo a essa situação, quando os dois se encontram nus, embora em cômodos separados, apesar de a relação sexual entre os personagens não se concretizar, o ato de passarem a noite sem dormir, observando a brasa acesa do outro, denuncia a concretização do prazer através do ato de fumar, vejamos: “Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados” (ABREU, 2009, p. 153).

O cigarro, simbolicamente, representa o prazer. O próprio ato de fumar é prazeroso, estimulante e serve, por vezes, como acalento para a ansiedade. Segundo o *Dicionário Técnico de Psicologia*, o cigarro é, também, um símbolo fálico, por ser “um objeto pontiagudo e ereto que pode representar o pênis” (ano, p. 125). O texto mostra que fumaram durante toda a noite, demonstrando que havia algo naquela situação que despertava neles um anseio. Provavelmente, a resposta para essa questão seja o desejo homoerótico entre Raul e Saul, um desejo que ainda não foi assumido o suficiente para ser concretizado no ato sexual. Para muitos, acender um cigarro é um rito que desperta os prazeres do corpo, queimando, discretamente, de forma prazerosa, as ilusões e frustrações da alma.

Simultâneo a isso, temos a brasa do cigarro acesa furando o escuro, comparada a um demônio de olhos incendiados, remetendo-nos à relação existente entre o desejo e o proibido. A imagem de demônio, além de remeter ao pecado, denuncia a existência de uma consciência moral, que atrela o desejo sexual entre criaturas do mesmo sexo a algo imoral, pecaminoso e proibido, condenando aqueles que se sentem atraídos pelo outro ao inferno, lugar de fogo e escuridão.

Passado o período de festividade e comemoração, Raul e Saul mencionam se organizarem para passarem juntos as férias, quando chegasse o período, “e tinham planejado juntos quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro” (ABREU, 2019, p. 153), mas foram surpreendidos, por seu chefe, com a desagradável notícia de que estavam despedidos, justificando que:

Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostra-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como ‘relação anormal e ostensiva’, ‘desavergonhada aberração’, ‘comportamento doentio’, ‘psicologia deformada’, sempre assinadas por um atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, depois de coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-de-meus-funcionários, declarou frio: os senhores estão despedidos. (ABREU, 2029, p. 154)

Raul e Saul são, cruelmente, julgados e condenados pelo olhar acusador daqueles de dividiam com eles aquele espaço de trabalho, e são, de forma medíocre, julgados pelo próprio chefe, que baseado no que diziam cartas anônimas identificadas pelo nome de “guardião da moral” demite, sem direito de retratação, Raul e Saul, por expressarem em detalhes de sua convivência uma afetividade, julgada por outros indivíduos como algo imoral, incorreto e inaceitável. Por isso, diante dessa visão, eles precisam ser execrados socialmente.

Tendo sua relação sido nomeada como “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio” e de “psicologia deformada”, Raul e Saul sentem, da maneira mais perversa, o preconceito e a repressão da sociedade sob seus corpos, além de testemunharem o quão agressivos e intolerantes podem ser aqueles que se dizem pilares morais da sociedade, com a justificativa de defender os “bons costumes”, criando estereótipos que ditam uma padronização dos indivíduos, uma vez que os personagens só sofrem esse tipo de repressão por se mostrarem diferentes dos que ali conviviam.

Apesar do notório despontamento dos dois personagens, Raul conseguiu manter-se controlado e ainda altivo diante da situação humilhante a que foram expostos. Juntos, organizaram suas ideias e seus pertences, mesmo que ainda abalados com toda a situação. E assim, desapontados, mas juntos e altivos, saíram em silêncio, sem se despedirem dos demais indivíduos; e, acompanhados pelos olhares de julgamento de seus ex-colegas, partiram para longe do olhar acusador dos que conviviam naquele “deserto de almas”:

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos nas janelas, a camisa branca de um e azul do outro, estavam ainda mais altos e altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo taxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-Ai! Alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina. (ABREU, 2019, p. 154)

A atitude de Raul e Saul diante das provocações no momento em que deixam a repartição nos remete a como os personagens estavam mais preocupados em deixar de vez aquele lugar “parecido com uma clínica psiquiátrica ou penitenciária” que tanto os oprimiu e

os privou da liberdade. Raul e Saul não saíram da repartição tristes, mas com a certeza de que ali jamais seriam felizes e com altivez percebida por todos que os olhavam pela janela.

Há, ao final da narrativa, em decorrência da ausência de sensibilidade e afetividade que apenas Raul e Saul proporcionavam àquele ambiente, a ideia reforçada de que não serão “aqueles dois”, mesmo julgados e condenados pela sociedade, que viverão tristes e infelizes, mas “aqueles outros”, destinados a viver como num deserto de almas, coma culpa de terem julgado de forma tão medíocre a vida dos dois personagens. De acordo com Porto: “os colegas de Raul e Saul não tinham motivos para sorrir nem para trabalhar em paz porque estavam conscientes de que a repressão aos dois poderia ter sido equivocada” (2010, p. 111).

Tal ideia ganha força com as últimas palavras do texto, que mostram de forma clara a falta que Raul e Saul fariam, sendo estes os únicos possuidores de alma, em meio a tantas pessoas frias e vazias, que agora teriam que conviver com o reflexo de suas atitudes medíocres, no peso de suas consciências. Vejamos:

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam felizes para sempre. E foram (ABREU, 2019, p. 154)

Diante do que é exposto, nos chama atenção, neste conto, além da forma sugestiva e ambígua com que é narrado, o fato de que, independentemente de haver uma relação homoafetiva entre os personagens, ou não, a sociedade, medíocre e repressora, mediante o comportamento de Raul e Saul, impede, por meio do julgamento e do olhar acusador, a felicidade daqueles considerados “diferentes”, marcando a vida dos personagens com a indiferença e o menosprezo aos quais são submetidos todos aqueles que ultrapassam os limites impostos pela própria sociedade, taxando-os ainda como “anormais” e marginalizando-os sem direito à justificativa alguma.

Diante disso, percebemos ainda que a sociedade na qual a narrativa de Caio Fernando Abreu se insere é um ambiente excludente, incapaz de aceitar as diferenças, e que mesmo não reagindo, em alguns casos, com violência física, como é o caso desta narrativa, reage de outras formas tão agressivas quanto. Trata-se, dessa forma, da imposição de valores, em oposição a outros que não estejam de acordo com os modelos preestabelecidos, marginalizando e reduzindo os sujeitos que ousam romper com as barreiras criadas pela sociedade, a fim de padronizar o comportamento dos indivíduos e suas diferenças.

#### 4. Considerações finais

Observamos neste trabalho uma análise das formas de repressão da sociedade, representadas no conto “Aqueles dois”, escrito pelo gaúcho Caio Fernando Abreu. Para tal, inicialmente, explanamos as particularidades da escrita do autor desde a sua bibliografia à maneira peculiar com que suas narrativas revelavam o mundo e a condição humana de sua época.

O percurso teórico-metodológico pelo qual seguimos foi orientado por discussões acerca da recepção crítica da obra *Morangos mofados*, escrita por Caio Fernando Abreu, e, em seguida, pela história de mediocridade e repressão apresentada no conto “Aqueles dois”. Desse modo, a partir da análise realizada, entendemos que através de narrativas como esta podemos observar a constante influência que a sociedade tem sobre os corpos e os comportamentos dos indivíduos, agindo diretamente na construção de suas identidades.

Logo, para essa constatação, apontamos também que a escolha da narrativa analisada dialoga com as reflexões advindas dos aportes teóricos, os quais ressaltam que vivemos em uma sociedade culturalmente diversificada, formada por indivíduos que buscam a todo momento se encaixar nos moldes impostos pela sociedade rotuladora. A partir dessas reflexões, observamos como a defesa dos bons costumes serve de disfarce para muitos discursos e atitudes preconceituosas e excludentes.

Essas afirmações acerca das identidades dos indivíduos e as influências da sociedade sobre seus comportamentos reforçam a ideia de que, apesar de imerso em uma sociedade multicultural, cada indivíduo constrói, a partir do meio em que está inserido, sua própria identidade, mesmo que esta seja, por sua vez, mutável e esteja em constante processo de construção. Ressaltamos, aqui, que nenhuma identidade é única e que é o confronto com as diferenças que favorece a evolução necessária do ser.

Para tais conclusões foi considerado, durante a análise, simbologias, representadas através de músicas, objetos, situações, discursos e falas que emergiam não só dos personagens, como também do narrador. Analisamos a *playlist* como principal meio de demonstração de sentimento entre os personagens, assim como objetos, a exemplo do cigarro, que, a depender do contexto, revelava o desejo, a satisfação e a materialização do prazer entre Raul e Saul.

Para uma análise concisa acerca dos efeitos causados por uma sociedade acusadora e repressora no comportamento dos indivíduos, foram considerados principalmente os conflitos externos dos personagens, representados através dos discursos e falas, que revelavam dúvida e

medo no modo de agir e se comportar nos ambientes sociais, tal como os conflitos internos, que se configuraram através do sonho e por meio de atitudes que refletiam o medo que aprisiona e reduz o sujeito a rótulos criados para julgar e classificar os indivíduos no meio social.

Paralelo a essas observações, reforçamos a maneira acusadora e repressora com que a sociedade enxerga as relações homoafetivas, até mesmo na sociedade atual, tratando essas relações como doências e desavergonhadas, gerando nos indivíduos medos e inseguranças acerca da própria existência.

A partir dessas constatações, afirmamos com propriedade a necessidade de estudos que busquem investigar e mostrar a violência da sociedade, como reação por não suportar comportamentos considerados diferentes. Enfatizamos, também, a importância de usarmos do papel humanizador da literatura para tratar de temas tão pertinentes e necessários.

## Referências

- ABREU, Caio Fernando. “Aqueles dois”. In: \_\_\_\_\_ **Morangos mofados**. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CALEGARI, Lizandro Carlos. Literatura e Homoerotismo: a perspectiva *Queer* em *morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu. **Luso – Brazilian Review**, Madison, University of Wisconsin, EUA, n. 44.2, p. 117 – 133, 2007.
- CAMARGO, Flávio Pereira. **Revedo as margens**: A (auto)representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu, 2010. 287f. tese (pós-Graduação em literatura). Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas (DTLL), Universidade de Brasília (UnB).
- FOUCAULT, Michel. **O triunfo social do prazer sexual**: uma conversação com Michel Foucault, ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FERREIRA, Maria Aparecida; SILVA, Antonia Marly Moura da; MANGUEIRA, José Vilian. “A violência velada e revelada em três contos de Caio Fernando Abreu”. **Investigações**: Linguística e Teoria Literária. v. 24, n. 1. Recife: UFPE, 2011, p. 159-176.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 07 – 22.
- NOGUEIRA, Roberto Círio. Antagonistas político-sociais em Caio Fernando Abreu. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**: Dossiê “escritas da violência II”. Jul. 2010.
- PELLEGRINI, Tânia. **A imagem e a letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2009.
- PORTO, Luana Teixeira. **Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu**: fragmentação, melancolia e crítica social, 2005, 166f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, Br – RS.